

UNE VALSE À MILLE TEMPS

para
Cristina Robalo Cordeiro

MARTA TEIXEIRA ANACLETO
CARLOS ASCENSO ANDRÉ
ANTÓNIO PEDRO PITA
COORD.

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

IMAGEM DA CAPA

Carlos André

INFOGRAFIA

João Emanuel Diogo
Pedro Matias

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2349-8

ISBN DIGITAL

978-989-26-2350-4

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2350-4>

Une Valse à mille temps é um volume de homenagem a Cristina Robalo Cordeiro. Ensaios, criação artística, testemunhos diversos traçam o percurso multifacetado da professora universitária, dos projetos que liderou no âmbito da francofonia e da lusofonia, da gestão universitária, da sua intervenção cívica, da sua experiência como escritora de ficção.

**DE PORTUGAL AO NORTE D'ÁFRICA,
EM CLAVE GAULESA...**

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra

De repente, como que impelidos por estranha mola, olhámos um para o outro. Era verdade: na sala repleta de sábios, nós éramos os únicos que falávamos francês. Sorrimos, encolhemos suavemente os ombros, como quem mui resignadamente diz: “É a vida!”.

Ensinar francês

Para além da Colega habitualmente bem disposta, a incarnar este nosso jeito mediterrânico de dar a volta por cima ao pedregulho que apostaram em meter-nos no caminho, a Doutora Cristina Robalo Cordeiro, era a Professora dedicada, a Universitária em plenitude, a Amiga.

A cena acima iria repetir-se várias vezes, a partir do momento em que – vá-se lá saber porquê! – o Francês deixou de ser obrigatório na Escola e o Inglês, muito mais fácil, era susceptível de se aprender com uma perna às costas. Tanto num idioma como noutro, havia aquelas esquisitices dos sons meio surdos ou mudos; mas de sons mudos e surdos o Português é campeão e, quando não há

mudos nem surdos, o pessoal inventa-os comendo sílabas, vogais e consoantes a seu bel-prazer.

Sua Excelência o Presidente da República Francesa veio visitar a Expo'98 e ficou admirado por as legendas estarem em português, castelhano e inglês.

– Então e o Francês? Não têm os senhores milhares de portugueses em França?

– Sim, temos. Inclusive uma das nossas escritoras, a Júlia Néry, termina o romance *Pouca Terra... Poucá Terra* (Edições Rolim, Outubro de 1984), um romance sobre essa emigração dos portugueses para França – hoje não há família portuguesa que não tenha familiares em França e, até ousaria dizer, na região de Paris – ela termina o romance com Leonor a profetizar assim para Cathy, a sua amiga francesa:

– E depois muitos filhos de portugueses nasceram já em França e alguns optam pela nacionalidade francesa, E depois, minha amiga Francesa, nós entraremos pelo vosso sangue, pela vossa Língua, pela vossa História, pelos vossos hábitos, que o português é semente que em qualquer terra dá fruto...

Como responsável pelo Programa ERASMUS, privilegiei logo as universidades francesas como destino. Os Ingleses, no sector da História, são muito individualistas, não enviam para cá os seus estudantes e têm dificuldade em aceitar lá os nossos. Por isso, conversa puxa conversa, chegou-se à conclusão que era capaz de ser inteligente marcar uma reunião ao mais alto nível possível para debater a questão do progressivo desinteresse pela língua francesa.

Reunimo-nos, creio que no Instituto Francês, em Lisboa, e compareceu até a senhora que, a nível do Ministério da Educação francês, superintendia no ensino da língua francesa no estrangeiro. Falou-se, falou-se, falou-se, até que, verificando que a senhora já estava para

se ir embora, eu decidi perguntar-lhe que soluções tinha, perante a situação que lhe fora apresentada, designadamente na possibilidade de virem professores franceses leccionar em Portugal, estava-nos ainda na mente a boa experiência do Liceu Charles Lepierre.

– Soluções não tenho! São os senhores que têm de as encontrar!

– Desculpe, Senhora, não me fiz entender: soluções para divulgar mais a língua francesa.

– É o que lhe disse: são os senhores que as têm de encontrar.

Agradei, fiquei ciente e a senhora foi para o avião. E nós – como eu, mais tarde, e a Cristina – a olharmos uns para os outros.

Estudara eu História na esteira da Nouvelle Histoire e dos Annales. Nomes como Marc Bloch, Lucien Febvre, Henri Irene-Marrou, Jacques Pirenne, Fernand Braudel, Jacques Le Goff... faziam parte do meu quotidiano. Deliciava-me com os filmes de Claude Lelouch, François Truffaut, Claude Chabrol, Jean Renoir... Cantava com Jacques Brel, Charles Aznavour, Edit Piaff, Mireille Mathieu, Adamo, Georges Moustaki (grego que cantava em francês), Dalida, as orquestrações de Franck Pourcel... E tudo me parecia ir, agora, por água abaixo.

Estagiei em Bordéus para o meu doutoramento, que preparei com um catedrático francês, o Prof. Robert Étienne. Os resultados das escavações de Conimbriga em francês foram publicados, por uma das mais conceituadas editoras parisienses, E. De Boccard... Enfim, confessei-me resistente; mas perdi as batalhas e acabei por perder a guerra.

Em Bordéus descobri, porém, uma história de que só muito vagamente por cá ouvira falar: a sangrenta guerra da Argélia (1954-1962) para se libertar do jugo francês. E as vagas de *pieds noirs* – designativo ainda mais pejorativo que o nosso posterior “retornados”, porque mais racial.

E, agora, até porque Cristina Robalo Cordeiro acabou por, a determinado momento, volver o seu olhar para o Norte d'África, ousando partilhar um íntimo repto: dar uma olhadela à Argélia romana, em jeito de homenagem. Aliás, não é, nesse país, o francês a segunda língua?

Perdoar-se-me-á, pois, este excursão. Epigrafista militante me confesso também e não poderia deixar fugir a oportunidade de, com este exemplo, sugerir conclusões – que nem ousarei, porém, formalizar, para não ferir susceptibilidades, uma vez que continua válido o prólogo “a bom entendedor meia palavra basta”, tradução portuguesa do *dictum sapienti sat est* (‘para o sábio basta uma palavra’), que é a resposta dada por Sagaristião a Toxilo, na comédia *Persa*, de Plauto (acto IV, cena 7).

Em busca de uma imagem perdida

Precisava-se da imagem de uma inscrição de *Lambaesis*, a importante cidade de Lambèse na época da ocupação francesa. Lançado o apelo, nenhum dos epigrafistas contactados logrou, inclusive, saber se ainda existia e onde o monumento que eminente colega nosso, *Hans-Georg Pflaum*, estudara. Uma imagem poderia resolver a dúvida agora surgida acerca de uma interpretação do texto.

A breve investigação levada a efeito para obter esse objectivo não resultou nesse âmbito, continuamos sem saber da pedra, mas trouxe-me, em contrapartida, uma informação que, do ponto de vista da história cultural, se me afigura susceptível de partilhar aqui: as exemplares diligências feitas pelo governo francês, em meados do século XIX, para dar a conhecer o enorme espólio epigráfico romano de terras argelinas.

Recorde-se, antes de mais, que, não apenas com intuítos científicos mas também políticos (no sentido de recuperação de hegemonia na

Europa, restaurando o que fora o Império Romano do Ocidente...), a Academia das Ciências de Berlim metera ombros à ingente tarefa de reunir em monumental *Corpus Inscriptionum Latinarum* [= CIL] todas as inscrições que os Romanos nos haviam deixado. Do volume VIII – *Inscriptiones Africae Latinae* – “consilio et auctoritate Academiae Litterarum Regiae Borussicae”, ficou encarregado Gustavo Wilmans, tendo a edição da I parte (*Inscriptiones Africae proconsularis et Numidiae*), concretizada em 1881 (“Berolini apud Georgium Reimerum 1881 editum”), sido obra de Theodor Mommsen, outro eminente epigrafista germânico.

Como era hábito, fazia-se preceder o catálogo das inscrições de informações acerca das fontes a que se havia recorrido, não se hesitando em, sobre cada autor, se tecerem as apreciações devidas, umas vezes de louvor e outras de crítica nem sempre aureolada de benevolência. Ora, como melhor adiante se dirá, das inscrições da Numídia se havia oficialmente ocupado Léon Renier e, por isso, a referência à actividade desse ‘Leo Renier Parisinus’ vem consignada nas páginas XXIX e XXX do volume VIII (I parte). Traduzo:

“O que nos estudos epigráficos se requeria, a fim de serem publicadas em conjunto as inscrições até agora encontradas na África recentemente escancarada [“Africa nuper patefacta”!] e cuja informação andava dispersa por revistas e volumes da mais variada índole ou escondidas em fichas, concretizou-o o parisiense Léon Renier com suma utilidade para as boas letras [summa cum bonarum litterarum utilitate perfecit]”.

Para esse efeito, informa-se de seguida que na Argélia esteve em duas missões: a primeira de Novembro de 1850 a Junho de 1851, em companhia do “Conde Delamario” (assim vem designado no CIL...), e a segunda, desde Agosto de 1852 até à Primavera seguinte. Acrescenta-se: *ex priore itinere ait rettulisse se titulos a*

se descriptos chartave expressos Lambaese MCCXXX, isto é, só do primeiro itinerário logrou descrever e localizar no mapa 1230 epígrafes de Lambèse!

Esta ingente tarefa foi, obviamente, acompanhada com entusiasmo em Paris e a ela a *Revue Archéologique* amiúde se referiu. Valerá, por isso, a pena – até pelo que dos depoimentos se pode deduzir, no âmbito, como atrás se disse, da história cultural – assinalar algumas das informações recolhidas.

Assim, sabemos que a 1ª missão do sub-bibliotecário da biblioteca da Sorbonne, que se fez acompanhar do Comandante de La Mare, foi determinada por ordem dos ministros da Instrução Pública e da Guerra. “Ces savants”, escreve a *Revue Archéologique* na p. 654 do seu 1º número de 1850, “ont l’intention de visiter spécialement la province de Constantine où ils feront, nous n’en doutons pas, une ample moisson d’inscriptions latines”. E a revista promete manter os leitores “au courant de leurs découvertes”.

Na verdade, na edição de 1853 (p. 267), dá-se notícia da chegada a 15 de Abril de 1851.

Quando se anuncia a partida para nova missão, afirma-se, na *Revue Archéologique*, que, por maior e difícil que seja a tarefa a cumprir, há a convicção de que Léon Rénier a executará a contento: “D’ailleurs, le gouvernement, qui vient déjà de reconnaître son zèle et sa capacité, en le nommant chevalier de la Légion d’Honneur, met à sa disposition les ressources nécessaires”.

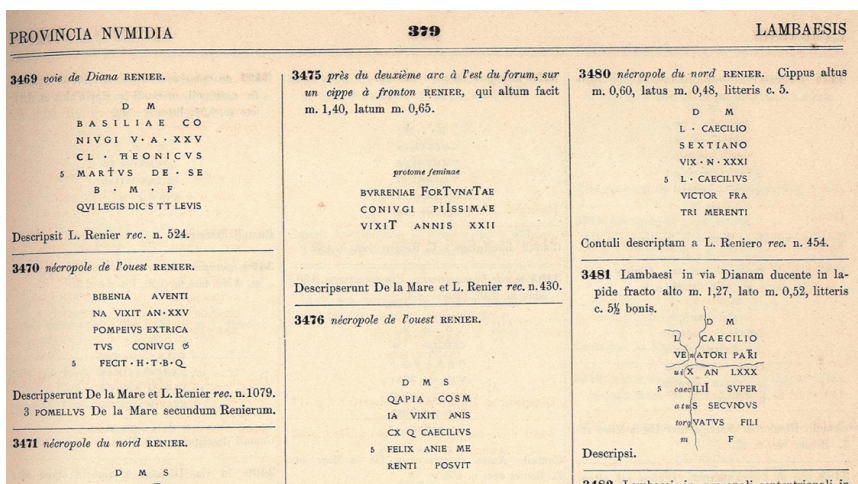
E a notícia termina asseverando que se trata duma “entreprise dont tous les amis de l’antiquité désirent vivement la prompte et complète exécution, et qui, terminée, acquittera pour la France une dette contractée envers l’Europe savante, à partir du jour où le premier de nos soldats a mis le pieds sur la terre d’Afrique”.

Rénier foi sempre dando notícias, por carta, acerca do progresso das investigações; o relatório final das campanhas, endereçado ao Ministro da Instrução Pública e dos Cultos, foi publicado pela

Imprimerie Nationale (Paris, 1852). A informação veiculada pela *Revue Archéologique* salienta que, “outre un riche portefeuille de dessins de monuments, il rapporte de nombreuses copies d’inscriptions, qui, jointes à celles qu’il a rapportées de son premier voyage, ou qui lui ont été communiquées para M. le commandant de La Mare et par divers officiers, portent à près de 4000 la collection des documents épigraphiques jusqu’aujourd’hui recueillis dans la Numidie et la Maurétanie césarienne”.

De resto, numa das notas anteriores, de balanço dessa primeira expedição, logo o regozijo fora grande, na medida em que – relata-se – se haviam estudado 1300 inscrições em Lambèse, 150 em Markouna, 80 em Timegade, 60 em Zana, 56 em Sigus, sublinhando-se que boa parte dos textos de Lambèse diziam respeito à III Legião Augusta e iriam, por isso, “jeter un jour nouveau sur des points de l’histoire militaire des Romains, restés obscurs jusqu’à ce jour”.

A imagem, ainda que parcial, de uma página do CIL VIII (Fig. 1) dará, sem dúvida, uma ideia do que significou elaborar uma ficha de cada um dos monumentos encontrados: local de achamento, descrição sumária, dimensões, leitura... E esse *corpus*, preparado por Gustavo Wilmans, somente apresenta, em síntese, os dados que Rénier forneceu.



Pego, a título de exemplo, no nº 3475 (Fig. 2).

3475 *près du deuxième arc à l'est du forum, sur un cippe à fronton* RENIER, qui altum facit m. 1,40, latum m. 0,65.

protome feminae

BVRRENIAE FORTVNATAE
CONIVGI PISSIMAE
VIXIT ANNIS XXII

Descripserunt De la Mare et L. Renier *rec.* n. 430.

Local de achamento e paradeiro; dimensões: 1,40 m x 0,65 m; a informação de que a epígrafe é como que a legenda dum busto de mulher; leitura e anotação de que foram os próprios Renier e De La Mare que viram o monumento (isso significa a forma *descripserunt*). E não resistimos a comentar: ainda que afortunada de nome, Burrénia apenas viveu 22 anos; chora-a o marido, qualificando-a de “esposa modelo de piedade”, mas não ousa sequer identificar-se na pedra, tal a dor que naturalmente sentiu com perda tal.

Conclusão

Final triste, dir-se-á, para um texto de homenagem,. Certo é, se olharmos para o copo meio vazio; se, ao invés, apreciarmos a ternura conjugal que deste monumento se desprende e o facto

de, 2000 anos passados, estarmos aqui a recordar uma, decerto, formosa Burrénia Fortunata (até lhe sabemos o nome!...) a quem o viúvo dedicou um busto... nosso olhar poderá ser bem diferente!

Reencontrei, pois, a Doutora Cristina Robalo Cordeiro nesta digressão por terras d'África que também calcorreou. E se os documentos transcritos acaso despertaram alguma reflexão cultural, direi que, assim modestamente, quis defender a Língua Francesa, que foi e é para mim veículo de múltiplas aprendizagens.

Trauteio, amiúde, ao saudar o amanhecer, *Si tu n'existais pas, dis-moi pourquoi j'existirais*, naquela melancólica doçura de *L'Eté Indien*, do Jean Dassin. E o “tu” não é apenas a mulher amada; é aquele raio de sol; é o melro que me pede migalhas e se delicia a banhar-se na pia que lhe preparámos no jardim; é a orquídea creme que, hoje, fez desabrochar mais uma flor; é o privilégio de estarmos vivos e podermos pensar serenamente naquele verso da inscrição de *Pax Iulia* em que Nice me augura: *et diu senescas*, “que mui longamente envelheças!...”

Esse é, afinal, o nosso voto para a Homenageada!

Cascais, 23 de Maio de 2022



1 2



9 0



**IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**
COIMBRA UNIVERSITY PRESS